



Espaço, identidade e diferença - A metáfora dos encontros urbanos no espetáculo “Pororoca” da Lia Rodrigues Companhia de Danças¹

Marcelus Gonçalves Ferreira²

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

RESUMO

Este artigo pretende refletir sobre uma possível re-construção/afirmação identitária da Lia Rodrigues Companhia de Danças a partir do engajamento social com a comunidade da Maré. Propõe-se que um processo de identificação multicultural e polifônica vem se constituindo atrelado a uma ação política de territorialização. Pretende-se analisar o discurso que permeia a criação da última produção coreográfica, o espetáculo “Pororoca”, seja no âmbito artístico/estrutural da companhia, seja pela sua articulação com a organização não governamental REDES - Redes de Desenvolvimento da Maré, com a criação do Centro de Artes da Maré, a atual sede da companhia.

PALAVRAS-CHAVE: identidade polifônica; hibridismo cultural; ONG; dança.

INTRODUÇÃO

O presente estudo pretende investigar sobre uma possível re-construção/afirmação identitária da Lia Rodrigues Companhia de Danças que ocorre como resultado da convivência e ação social na comunidade da Maré nos últimos anos. Será analisado o discurso que acompanha o processo de criação do espetáculo “Pororoca” e a relação institucional com a organização não governamental REDES – Rede de desenvolvimento da Maré para averiguar se está se constituindo um processo de identificação multicultural e polifônica ao se associar uma noção de singularidade para a companhia enquanto se agrega diferenças culturais. O território, como lugar de fixidez, se coloca como referência estratégica no processo de identificação e construção simbólica, ao mesmo tempo que a localização justifica e reforça o discurso de hibridez cultural. A estruturação da companhia, o corpo poético e o tratamento coreográfico espelham esta construção simbólica de territorialização e posicionamento político nestas ações. O material para análise será constituído pelos depoimentos e textos de divulgação

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Mestrado em Comunicação do PPGC-UERJ, email: cellusf@yahoo.com.br.



do espetáculo e da companhia encontrados na internet, dados do site oficial da companhia e da REDES - Redes de Desenvolvimento da Maré, assim como, texto do release do trabalho e registros de conversa/debate após apresentação da companhia no encontro CorpoCidade – debates em estética urbana 2, ocorrido em 2010, no Rio de Janeiro.

Contextualizar a participação da coreógrafa Lia Rodrigues no cenário da dança é de extrema importância para esta análise. Com reconhecimento nacional e internacional a coreógrafa tem “contribuído para a sedimentação da dança contemporânea brasileira” (LIMA, 2007, p. 20). Em seu histórico de produção, além da qualidade artística do seu trabalho, também é forte a atitude militante nas políticas culturais. Sua contribuição pode ser considerada um marco para as renovações estéticas e de pensamento sobre o desenvolvimento da dança contemporânea no Brasil. Em análise do espetáculo “Aquilo de que somos feitos”, criado pela coreógrafa em 2000, Lima (IDEM, 2007, p. 22) afirma que “a proposta cênica de Lia irá mexer com os paradigmas que regiam a dança carioca e porque não brasileira”, trazendo novos parâmetros que desestabilizam os códigos de representação no contexto da dança contemporânea. Fato que repercutiu em premiações e reconhecimento internacional do seu trabalho e representatividade da dança do/no país. De acordo com a investigação da autora, o trabalho de Lia Rodrigues sofreu influência das *novas vanguardas* da dança européia, uma geração que articula reflexão sobre dança e sociedade e propõe a retomada de consciência e pensamento crítico sobre o papel sociopolítico da dança. Assim, além da atuação artística como bailarina e coreógrafa, Lia sempre esteve engajada em ações de cunho político. Entre as várias atividades, criou e dirigiu por mais de dez anos o festival Panorama RioArte de Dança, importante evento que agrega artistas representantes da dança contemporânea do Brasil e exterior, e que hoje, sob outra direção, ainda integra a pauta de espetáculos da cidade do Rio de Janeiro e é referência no país. O perfil de envolvimento político e social é característico da coreógrafa, o que se reflete na criação artística e comunicação do seu trabalho através da Lia Rodrigues Companhia de Danças, fundada em 1990, no Rio de Janeiro.

A “POROROCA” – O ENCONTRO DAS DIFERENÇAS

Criado em 2009, Pororoca sintetiza coreograficamente as percepções corporais e afetivas derivadas da experiência de convívio da Lia Rodrigues Companhia de



Danças no Centro de Artes da Maré (RJ), desde 2007. Do tupi “poro’rog” que significa “estrondar”, pororoca é um fenômeno natural provocado pelo confronto das águas dos rios com as águas do mar. Esse encontro violento que pode derrubar árvores e alterar as margens dos rios é, ao mesmo tempo, um processo frágil, resultado de um delicado balanço de fatores da natureza. Pororoca é encontro de correntes contrárias. Forma ondas e altera as margens, provoca ruídos e calmaria. É arrastão, mistura, choque, invasão. A Lia Rodrigues Cia de Dança é sediada no Rio de Janeiro no Centro de Artes da Maré.³

O espetáculo “Pororoca” foi apresentado em novembro de 2010 no Centro de Artes da Maré, Rio de Janeiro, como atividade do encontro “Corpocidade – debates em estética urbana 2”, realizado pela Universidade Federal da Bahia – UFBA e parceria com a REDES – Redes de Desenvolvimento da Maré. O espetáculo serviu de provocação para as reflexões sobre “Conflito e dissenso no espaço público”, tema proposto pelo evento. No release do trabalho coreográfico, transcrito acima, já se apresenta a questão a ser desenvolvida neste estudo sobre o encontro de diferenças culturais nos processos de identificação. Estes encontros, sejam em processos conflituosos ou consensuais, geram transformações. Quando colocados em interação, os diferentes modos de ver, pensar e expressar o mundo, de alguma maneira são contaminados e reformulados.

Valorizar as diferenças e o processo de troca no encontro com o outro é a característica encontrada no discurso dos envolvidos com o percurso de criação e divulgação do espetáculo “Pororoca” e com a estruturação da sede da companhia no Centro de Artes da Maré. Assim, Lia Rodrigues (RODRIGUES, 2011) explica em entrevista ao RJ TV, programa jornalístico da Rede Globo de televisão: “Pororoca todo mundo conhece, é um fenômeno natural que acontece no Amazonas, no encontro das águas do rio Amazonas com as águas do mar. Nesse caso, a nossa pororoca aqui, a pororoca de dança, ela é na verdade o encontro da diferença”. Priscila Maia (IDEM, 2011), bailarina da companhia, reforça dizendo que “... são as diferenças culturais todas que fizeram o grande barato da Pororoca. Reunir pessoas tão diferentes, de lugares diferentes, de histórias diferentes. Isso que tornou o espetáculo tão diverso como ele é”. Portanto, o enfoque conceitual é importante para reforçar as alteridades neste espetáculo. Mas a amplitude que este discurso alcança está além desta montagem coreográfica e constituição interna da companhia. Envolve parcerias institucionais e ações sociais mais amplas, onde afirma-se a diversidade como uma característica de

³ <http://www.corpocidade.dan.ufba.br/2010/caderno_de_provocacoes.html>, acesso em 09/01/2011.



identificação e constrói-se uma imagem singular, ao mesmo tempo que plural para a companhia. Um processo de construção dinâmico, talvez temporário, como é a demanda da contemporaneidade, mas potente. Neste sentido, o título/metáfora pororoca é o que se desenvolve como o *leitmotiv*, como diria Guattari (1992, p. 29), para produção de uma identificação polifônica, funcionando como um “ritornelo”, como “motivo existencial” para a criação do novo trabalho e também justificar um processo de territorialização, o que é acolhido por todos, como num “desejo coletivo”, como a alegoria de uma experiência de troca e miscigenação cultural. É neste sentido que o conteúdo da fala dos envolvidos neste processo se faz em torno de uma positivação da diferença, ao mesmo tempo que valorização da singularidade.

Sobretudo, este “encontro” se viabiliza a nível institucional. Cria-se uma parceria da Lia Rodrigues Companhia de Danças e a REDES – Redes de Desenvolvimento da Maré para surgir o Centro de Artes da Maré, a sede dos trabalhos do grupo e onde as outras ações sociais se desenvolvem. Encontramos no texto transcrito abaixo, retirado do site oficial da Companhia Lia Rodrigues de Danças⁴, um pouco da história desta parceria e as intenções do projeto no envolvimento com a comunidade da Maré, com uma clara preocupação da transformação social pela arte.

Estimular a reflexão, proporcionar espaços de debate, sensibilizar outros indivíduos para as questões da arte contemporânea, gerar encontros intelectuais e afetivos, além de apoiar e investir na formação e informação de novas platéias são algumas das ações que a Companhia vem desenvolvendo há quase 20 anos. Em 2003, a Lia Rodrigues Companhia de Danças foi convidada por Silvia Soter para colaborar com o hoje extinto, Centro de Estudos e Ações Solidárias na Maré, na Casa de Cultura da Maré, no Morro do Timbau, para onde transferiu suas atividades diárias, ajudando a construir e garantir a manutenção de local adequado para a dança, além de oferecer aulas e oficinas para jovens da comunidade e doar um grande acervo de vídeos de dança e livros. Em 2007, a Companhia, em parceria com a Redes de Desenvolvimento da Maré iniciou um novo projeto na comunidade de Nova Holanda, Maré, Rio de Janeiro: a criação do Centro de Artes da Maré, um lugar de partilha, convivência e de troca de saberes, direcionado para a formação, criação, difusão e produção das artes. Acreditando na sinergia entre arte e processo social e na vocação emancipatória de ambos, este projeto busca a construção diária de espaços onde a arte possa ser compartilhada, favorecendo o encontro de indivíduos com experiências educacionais e culturais diversas e estimulando um olhar crítico e transformador sobre a realidade. No Centro de Artes da Maré a Companhia criou *Pororoca*, além de desenvolver o projeto “Dança para todos” com aulas gratuitas de consciência corporal, dança contemporânea para jovens e dança criativa para crianças.

⁴ <<http://www.liarodrigues.com/index.html>>, acesso em 15/02/2011.



A REDES – Redes de Desenvolvimento da Maré reforça o foco de interesse da parceria com a criação do Centro de Artes da Maré e a projeção do que se espera na interação com a comunidade, onde é preponderante o caráter de inserção social e fortalecimento da cidadania através da disseminação da arte e cultura. O que podemos observar é uma sintonia de propósitos desta parceria na atuação social em democratizar o acesso à cultura. Por outro lado, numa primeira instância o que fica aparente é a postura da instituição em “superar desigualdades” através da absorção de práticas culturais externas à comunidade.

O Centro de Artes da Maré é um projeto da Redes em parceria com a Companhia de Dança da Lia Rodrigues que visa à promoção do encontro de saberes entre a companhia, a comunidade e a instituição. O espaço do Centro de Artes passou por reformas e adaptações para as atividades de criação da Companhia de Dança, como as oficinas de dança e expressão corporal abertas à comunidade. O Centro de Artes é um espaço de circulação e produção de práticas que estimulem novas formas de apreensão do mundo. Nele são desenvolvidas expressões artísticas múltiplas, que permitam aos seus frequentadores usufruir e produzir linguagens que em geral são pouco acessíveis aos setores sociais populares. A Redes de Desenvolvimento da Maré entende que construir um espaço de produção e difusão da arte configura-se como a ampliação do tempo/espaço dos moradores da Maré. O Centro de Artes da Maré fica na Rua Bittencourt Sampaio, 181, Nova Holanda, próximo à Avenida Brasil.⁵

Eliana Sousa, diretora da REDES, ressalta que esse espaço é estratégico e que “a instituição tem como objetivo contribuir para o acesso à cultura e à arte na Maré, um direito de todos os moradores”⁶. De acordo com os objetivos da REDES, ela se coloca como uma “organização da sociedade civil” que visa “transformação estrutural no conjunto de favelas da Maré” e “busca produzir conhecimento referente aos espaços populares e realizar ações com o intuito de interferir na lógica de organização da cidade e contribuir para a superação das desigualdades”⁷.

Lia Rodrigues (RODRIGUES, 2010), ao relatar sobre os 20 anos de existência da Companhia de Danças, aborda a importância do encontro com a comunidade da Maré e a criação do Centro de Artes e como este fato foi determinante na trajetória e na busca estética da companhia. Se concretizou e potencializou um encontro de diferenças, diferenças entre os intérpretes da companhia, de corpos, origens étnicas, “cores”, do nível de formação profissional e experiência em dança, das distintas procedências,

⁵ <<http://redesdamare.imia.kingghost.net/projetos/centro-de-artes-da-mare/>>, acesso em 19/02/2011.

⁶ <<http://redesdamare.org.br/acontece-nas-redes/a-pororoqa-envolve-a-mare/>>, acesso em 19/02/2011.

⁷ <<http://redesdamare.org.br/quem-somos/apresentacao/>>, acesso em 19/02/2011.



podendo ser de várias partes do Brasil, além de integrantes da própria comunidade da Maré.

De fato, o discurso extrapola a própria construção conceitual do espetáculo e, por consequência, se projeta na relação com o território de localização e conformação da Companhia. Nas palavras de Lia Rodrigues é esclarecedor que, em termos estéticos, é importante um produto artístico híbrido e atravessado por informações culturais distintas.

...isto é um pouco da idéia deste projeto aqui, mas eu acho que o barato... esse fato que a companhia tem... então vamos dizer... Quem é da favela, quem não é? Eu não gosto de ficar falando quem é, se ele ou se o outro, isso pouco me interessa. O que me interessa é o que acontece nesse tipo de corpo... então se é branco, preto ou amarelo, se é mais moreno ou se é mais... o mais legal é esse encontro... (IDEM, 2010)

O CORPO COMO REFERÊNCIA

A busca de uma identidade - uma composição multicultural

A estrutura da companhia é diversificada, o que se reflete na escolha do elenco, acolhendo intérpretes de distintas formações em dança, ou até mesmo com uma “ausência de formação” dentro dos padrões técnicos valorizados no meio profissional e tradicional da dança. Siqueira (2006, p. 134) transcreve o depoimento no qual a coreógrafa reforça “que busca mais do que corpos treinados em seus intérpretes: ‘Não vejo um corpo, vejo um desejo. Tem que ter desejo e disponibilidade. Basicamente é isso’”. Os corpos refletem suas diferenças nos gestos e na qualidade particular de movimento de cada intérprete, independente da aparência, estrutura ou cor de pele. Assim, o posicionamento de Lia, embora imbuído da questão estética, é politizado quando busca a não-uniformidade, seja no âmbito artístico, de formação ou procedência social dos intérpretes.

No encontro CorpoCidade, Lia (RODRIGUES, 2010) reforça que o importante são as diferenças nos traços particulares de se mover, independente da formação pessoal dos intérpretes e experiências anteriores com a dança. Assim a coreógrafa responde sobre a questão da identidade ou a origem étnica dos integrantes, se interfere de algum modo no seu trabalho.

É o que a gente faz com essa formação que é o que dá conta! Que é o que faz a ‘pintura’... jeitos tão diferentes, jeitos de falar, jeito de se mover... eu sei que é mais do que isso (a identidade), que eu acho que ela também é um atributo... uma dança de branco, de preto, de amarelo... acho que é uma dança de colorido sabe. Acho que o barato é essa mistura, esse choque, essa pororoca.



Quando considera relevante no seu trabalho o encontro das diferenças, Lia sugere também que cada intérprete, com sua singularidade, tem sua contribuição no coletivo e, por consequência, na produção da obra. Mas admite também que como carrega no seu corpo a bagagem da sua história particular, sobretudo da formação em balé clássico e vivência em companhias de dança na Europa, o seu olhar funciona como um filtro e influencia o resultado coreográfico de forma determinante (IDEM, 2010).

A coreógrafa Lia Rodrigues valoriza a diversidade e a diferença como um fator positivo na convivência em sociedade e expressão artística, visão que vem se fortalecendo com suas experiências anteriores e a cada projeto artístico desenvolvido. Segundo Siqueira (2006, p. 131), o espetáculo “Folia”, criado em 2000, “é uma afirmação de brasilidade através da dança. Nele, a coreógrafa leva para a cena sons e movimentos gerados a partir de um pesquisa da cultura popular e constrói corpos capazes de afirmar sua visão de identidade brasileira”. Em busca de um sentido de identidade e afirmação como brasileira, Lia (LIMA, 2007, p. 37) relata que mergulhou na pesquisa da cultura popular e universo de Mário de Andrade.

Fui tocada para sempre por esse grande pensador da cultura brasileira que criou raízes profundas tanto no meu fazer artístico quanto na minha visão de cultura e ação cultural. Foram praticamente cinco anos em que estive interessada por essa questão de ser brasileiro. Eram perguntas que eu me fazia: “sou mesmo brasileira?”, “posso ser representante da cultura brasileira?”, “como mergulhar na tradição (como propunha Mário) e poder mesclar com o que eu faço e penso hoje?”

As palavras da coreógrafa denotam a preocupação com o reconhecimento de uma identidade nacional. Neste depoimento fica exposta a inquietação com a busca de suas origens e seu processo de individuação, assim como, da influência dessa história particular no seu fazer artístico. Siqueira (2006, p. 137) explica que ao “ouvir os depoimentos dos artistas” entendemos as razões dos impulsos de suas criações. Ao analisar os depoimentos de Lia, a autora coloca que há a indicação no seu relato de “uma busca por elementos identitários relacionados com nacionalidade – daí podendo-se extrair relações com a cultura, a história, a arte. Os corpos que se veem construídos em cena demonstram a cada movimento essa busca: corpo-identidade”.

O reflexo desta busca pessoal se apresenta no decorrer dos próximos trabalhos, culminando em “Pororoca”. Neste caso, com a consciência e afirmação de uma singularidade para o grupo, justificada pela troca com a comunidade da Maré e pela conformação diversa de profissionais com suas “outras histórias pessoais”, fatos que ressaltam a potencialização de um encontro híbrido de corpos e culturas.



O ESPAÇO COMO REFERÊNCIA - UM DISCURSO POLÍTICO

Segundo Stuart Hall (HALL, 2004, p. 78), o processo globalizante é um fenômeno essencialmente ocidental, relacionado às transformações originadas na força universalizadora do capitalismo global da modernidade tardia. Embora a tendência seja da “homogeneização cultural”, caracteriza-se ao redor do globo “padrões de troca cultural desigual” entre o que o autor denomina “o Ocidente” e “o Resto”, que continuam fortalecendo uma dicotomia centro/periferia, onde “a proliferação das escolhas de identidade é mais ampla no ‘centro’ do sistema global que nas suas periferias” (p. 79). Porém, é fato que a globalização está atingindo toda parte incluindo a “periferia”, embora em ritmo mais lento. Associado a isto está o fenômeno da migração, que coloca o “centro” como o atrativo que responde aos anseios de consumo e sobrevivência. Mas o trânsito cultural ocorre em via dupla diluindo as fronteiras, que acaba por valorizar as diferenças, a etnia e o local. O que resulta neste movimento é um efeito pluralizador de identidades.

De acordo com Hall (IDEM, 2004, p. 84) no mundo globalizado, onde as fronteiras são diluídas e as continuidades rompidas, a consequência é que “possa levar a um fortalecimento de identidades locais ou à produção de novas identidades”. O relevante das reflexões de Hall para este estudo está em apropriar da lógica existente nesta articulação do global e local para pensar sobre a valorização das alteridades, a descentralização cultural pela relação “centro/periferia”, na migração e mercado nos processos artísticos e da dança na contemporaneidade e o que repercute na estruturação da Lia Rodrigues Companhia de Danças.

Em menor escala podemos pensar esta lógica para identificações regionais na estrutura urbana, neste caso, da cidade do Rio de Janeiro, onde está situada a Lia Rodrigues Companhia de Danças, onde percebemos os localismos ou agrupamentos de comunidades. Embutida nesta estruturação segmentada também está a noção da “centralidade cultural”, que muitas vezes sugere hierarquizações nas práticas culturais e geram os mesmos efeitos de mercado que no nível global. No caso da dança contemporânea, podemos observar que as companhias de dança e espaços teatrais estão concentrados nos grandes centros urbanos e “localidades mais centrais”, o que forçam um mercado mais restrito e direcionado para os profissionais desta arte, ocasionando a migração dos artistas de regiões periféricas e interioranas para os centros das grandes



idades. A própria Lia Rodrigues Companhia de Danças, como constatamos, é formada por intérpretes de diferentes regiões do país.

Quanto a divulgação e alcance de platéias, observamos que a dança é uma arte cênica preparada na maioria das vezes para espaços teatrais específicos, que por natureza não se constituem espaços notadamente inclusivos. Siqueira (2007, p. 80) ao analisar o Rio de Janeiro, coloca que a cidade embora favoreça a circulação da dança, apresenta uma “má distribuição dos espaços artísticos pela malha urbana – a rede de teatros públicos se estende do Centro à Zona sul e é nela que se concentram os espetáculos”, e acrescenta um fato relevante para o entendimento das políticas de descentramento das artes, as “iniciativas como as ‘lonas culturais’ mantidas pela prefeitura têm organizado programas fora daquele eixo, promovendo a dança e trabalhando em prol da formação de platéias”. Na parceria com a Redes e comunidade da Maré é importante refletir qual é o papel da Lia Rodrigues Companhia de Danças no trânsito destas práticas culturais. Neste caso, o Centro de Artes da Maré funciona como um polarizador ao receber e divulgar os espetáculos da Companhia de Danças e de outras companhias convidadas, assim como da própria produção da comunidade.

Edward Lucie-Smith (2006, p. 210) quando analisa as artes nas américas, coloca que “a rápida ‘globalização’ - como passou a se chamar - da arte contemporânea durante as décadas de 1980 e 1990 foi, em parte, consequência de uma preocupação crescente com a arte das minorias”. Este evento ocorre paralelo e influenciado pelos processos globalizantes gerados com o desenvolvimento tecnológico, que encurtam os espaços e tempos de trocas de informações e deslocamentos entre as diversas culturas. Fato que ocasiona diversos movimentos de valorização de culturas locais e movimentos de descentralização das artes com caráter de inclusão social. É o caso que vem se repetindo como política cultural em nossa sociedade, com a preocupação em disseminar e proporcionar vivências em comunidades ou locais com pouco acesso às “práticas culturais de alguns poucos privilegiados”.

Neste sentido, para corroborar este argumento retomamos aqui as intenções da REDES para com o Centro de Artes da Maré: “Nele são desenvolvidas expressões artísticas múltiplas, que permitam aos seus frequentadores usufruir e produzir linguagens que em geral são pouco acessíveis aos setores sociais populares”⁸. Não podemos esquecer também que a coreógrafa Lia Rodrigues viveu nas décadas de 1980 e

⁸ <<http://redesdamare.imia.kinghost.net/projetos/centro-de-artes-da-mare/>>, acesso em 19/02/2011.



1990 as influências deste pensamento ativista, de preocupação social, com posicionamento crítico e de inclusão, o que certamente reforça também esta parceria institucional. Em entrevista sobre o Centro de Artes da Maré, a coreógrafa Lia Rodrigues (RODRIGUES E SOTER, 2011), explica seu envolvimento pessoal e político com o projeto: “Eu tenho uma responsabilidade como cidadã e como artista é..., de fazer alguma coisa pela cidade e aprender muito, porque eu não estou trazendo alguma coisa, eu tô aprendendo demais”. Silvia Soter (IDEM, 2011), crítica de dança e responsável pela dramaturgia dos trabalhos da Companhia, reforça as intenções e alcance social do projeto,

... a idéia é que o Centro de Artes da Maré seja um lugar de difusão, que é a situação hoje né... que possa ter o espetáculo da Lia e outros espetáculos, mas também que seja um lugar de formação né, e de criação. Então, a gente hoje tem quase 100 alunos que se beneficiam, no final da tarde tem sempre uma aula de dança pra comunidade.

Assim, ao sediar a companhia no Centro de Artes da Maré, articulando atividades de integração artístico-social a proposta da coreógrafa é engajar politicamente o seu trabalho artístico com a sociedade.

O PROCESSO DE IDENTIFICAÇÃO E TERRITORIALIZAÇÃO

A construção da identidade social, ao contrário da interpretação do senso comum que enfatiza sua aparente estabilidade e longevidade, é sempre dinâmica, está sempre em curso, sendo preferível, para muitos, falar em processos de “identificação” do que em “identidade” enquanto estado substantivo. (...) , ela nunca é construída a partir da mera diferença ou de características “próprias”, “singulares”, pois tem sempre um caráter reflexivo, isto é, identificar-se implica sempre identificar-se com, num sentido relacional, dialógico, e a identidade, por mais essencialista que pareça, justamente por seu caráter simbólico, é sempre múltipla e/ou está aberta a múltiplas re-construções. (ARAÚJO E HAESBAERTH, 2007, p. 42)

De acordo com Araújo e Haesbaerth (2007, p. 42), a construção identitária está associada a referenciais simbólicos e sociais. O processo de afirmação das diferentes identidades, embora dinâmico, está vinculado a causas e consequências materiais, de maneira que o referencial espacial, seja no presente ou no passado, pode dar “consistência e eficácia ao poder simbólico na construção identitária”. Para o autores as relações sociais assim como “toda identidade cultural é ‘espacial’, na medida em que se realiza no/através do espaço” (p. 44). Assim, uma identidade se constitui territorial quando há uma relação clara do espaço com a política e a cultura, “a identidade



territorial só se efetiva quando um referente espacial se torna elemento central para identificação e ação política do grupo...” (p. 45). Neste sentido, ao analisar o objeto deste estudo constata-se que a criação do Centro de Artes da Maré pela coreógrafa Lia Rodrigues, se constitui também como uma ação política de territorialização, onde são criadas “geografias imaginárias” (ao menos temporariamente), no sentido de construir através de um “senso de lugar”, uma identidade territorial para a Lia Rodrigues Companhia de Danças. Ao associar o trabalho artístico da Companhia ao Centro de Artes e comunidade da Maré, o espaço como materialidade “não é apenas um instrumento de ‘manipulação’ no livre jogo da ‘invenção’ identitária, mas um referencial que uma vez ‘eleito’ (ou ‘reconstruído’), passa a interferir na própria intensidade e longevidade da dinâmica identitária” (IDEM, 2007, p. 45). Deste modo, através do desejo de uma ação social pela arte - e que se constitui também política - se reelabora uma identidade própria, que sem apagar as histórias particulares, se atualiza numa “outra” e nova relação simbólica de espaço/tempo, num processo claro de hibridismo cultural. Assim, este processo tem caráter fluido e múltiplo, que associada a uma referência espacial real - e arbitrária - está uma construção simbólica dinâmica que conjuga multiterritorialidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espetáculo “Pororoca” é o resultado artístico, metáfora e registro de um empreendimento de contágio, onde a pluralidade e o encontro das diferenças são intencionalmente buscados, tratados de forma poética e colocada em cena através do movimento. É no encontro com a diferença que se refazem ações, pensamentos e atitudes, e na trajetória da companhia e da coreógrafa é este processo de dinâmica e transformação que se observa. O que fica evidente neste trajeto é a conformação de uma identidade polifônica para a Lia Rodrigues Companhia de Danças, na medida em que agrega diferenças culturais e sugere um processo dinâmico de identificação, um devir, em constante transformação. Neste sentido, é providencial as circunstâncias que auxiliam na consciência e afirmação deste processo de identificação polifônica – como primeiro ponto, a busca constante pela singularidade na expressão artística; em segundo, o sentido de valor e respeito pela diversidade que funciona como um motor no tratamento estético e na composição dos integrantes da companhia; e, por fim, o espaço/território do Centro de Artes da Maré, um galpão recuperado e utilizado para



fins artísticos e educacionais na comunidade, que funciona como um espaço “intersticial”, um local híbrido, de encontros simbólicos, onde se diluem as desigualdades e possibilita um interfluxo cultural.

A globalização é determinante nos processos de troca culturais. Vivemos no mundo atual a diluição das fronteiras espaciais e temporais, onde os acessos as informações são ilimitados. Processos desterritorializantes/re-territorializantes marcam o questionamento do sujeito moderno, apresentando novas noções de construção de subjetividades, em que a característica dos processos fluidos de identificação são coerentes com as qualidades líquidas da contemporaneidade. Encontros de culturas que se hibridizam e definem novos parâmetros para compreensão do sujeito contemporâneo, sujeitos multiculturais e polifônicos. Neste sentido, devemos lembrar que a projeção a nível internacional da Companhia Lia Rodrigues, está em consonância com as necessidades de um mercado cultural global. É constante a troca da companhia com outras culturas quando apresenta seu trabalho em outros países, ao mesmo tempo que interage com setores nacionais com menor acesso às práticas culturais da dança. Com isto confere um “sentido globalizante” em larga e pequena escala do seu projeto artístico, o que já se conforma também como um processo de multiculturalização.

Outro aspecto que deve ser mencionado é que os processos de identificação ocorrem na relação espaço/tempo e se encontram tanto no nível material quanto no nível simbólico. O que nos é apresentado como concreto é o que de alguma maneira fincamos nossas raízes e atribuímos um sentido. Porque, antes dos processos de abstração, o que temos de humano é a referência sensorial. Afinal, ainda é a dimensão material, a do corpo físico, que nos “conecta” com o mundo e se faz cultura. É na “matéria carregada do simbólico” que nos entendemos como sujeito. É no “corpo-mídia” em que se opera todo o processo de identificação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Frederico Guilherme Bandeira e HAESBAERTH, Rogério (orgs.). **Identities e territórios: questões e olhares contemporâneos**. Rio de Janeiro: Access, 2007.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Ed. 34, 1992.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

LIMA, Dani. **Corpo, política e discurso na dança de Lia Rodrigues**. Rio de Janeiro: UniverCidade Ed., 2007.



LUCIE-SMITH, Edward. **Os movimentos artísticos a partir de 1945**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

RODRIGUES, Lia. **Registro de áudio de Conversa/debate no CorpoCidade – debates em estética urbana 2**. Rio de Janeiro, 20 de novembro de 2010.

RODRIGUES, Lia. **Entrevista para o RJ TV em março de 2010**. <http://www.youtube.com/watch?v=2fS_WpsnQA4&feature=player_embedded#>, acesso em 25/01/2011.

RODRIGUES, Lia e SOTER, Silvia. **Entrevista Youtube - Centro de Artes da Maré**. <<http://www.youtube.com/watch?v=bbb4zLBd0VE&feature=related>>, acesso em 03/02/2011.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. **Corpo, comunicação e cultura: a dança contemporânea em cena**. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. Dança contemporânea: fenômeno urbano, questão de comunicação. In: FREITAS, Ricardo Ferreira e NACIF, Rafael (orgs.). **Redes urbanas: comunicação, arte e tecnologia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.